

O PAPEL DO LÉXICO NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NOS NÍVEIS INTERMEDIÁRIO E AVANÇADO

Professora Doris de Almeida Soares

INTRODUÇÃO

Nos contextos formais de aprendizagem de uma língua estrangeira, os estudantes geralmente passam por diversos estágios de desenvolvimento de suas habilidades linguísticas até alcançarem a proficiência na mesma. De acordo com a ALTE¹, associação europeia que reúne 31 membros e 40 instituições afiliadas com o objetivo de promover certificação internacional para 26 línguas diferentes, há seis níveis que vão do comando mais básico da língua-alvo, em situações cotidianas, até um comando avançado da língua, o qual permite ao aprendiz expressar-se com confiança e desenvoltura na língua estrangeira.

Nestes exames de certificação, o enquadramento do aprendiz em um dado nível é baseado na análise do comando que este possui do sistema gramatical e lexical da língua aprendida. Contudo, é de conhecimento geral que quando os aprendizes alcançam o chamado nível intermediário, estágio onde se iniciam os estudos de língua inglesa na Escola Naval, muitos não percebem estar progredindo em seus estudos passando, assim, por um período de tempo onde o desenvolvimento ativo de suas habilidades linguísticas parece se estagnar.

Com relação aos aspectos lexicais da língua, essa ocorrência é perceptível no que concerne a necessidade do uso de vocabulário mais refinado para expressar ideias e nuances de sentido na língua-alvo, de forma mais precisa. Esta falta de desenvolvimento pode estar associada ao fato de, muitas vezes, o aprendiz preferir fazer uso de paráfrases e de vocabulário básico que possa, de certo modo, auxiliá-lo a expressar

ideias mais sutis sem a necessidade de recorrer a palavras mais complexas. Portanto, um trabalho sistemático do aprendiz para desenvolver o vocabulário na língua-alvo é essencial para que ele possa transpor este platô intermediário e a consolidar suas bases para progredir no nível avançado.

Pensando nestas questões, pertinentes ao ensino de língua inglesa na Escola Naval, o objetivo deste artigo é auxiliar o Aspirante a refletir sobre a importância da aquisição de léxico, principalmente no primeiro ano

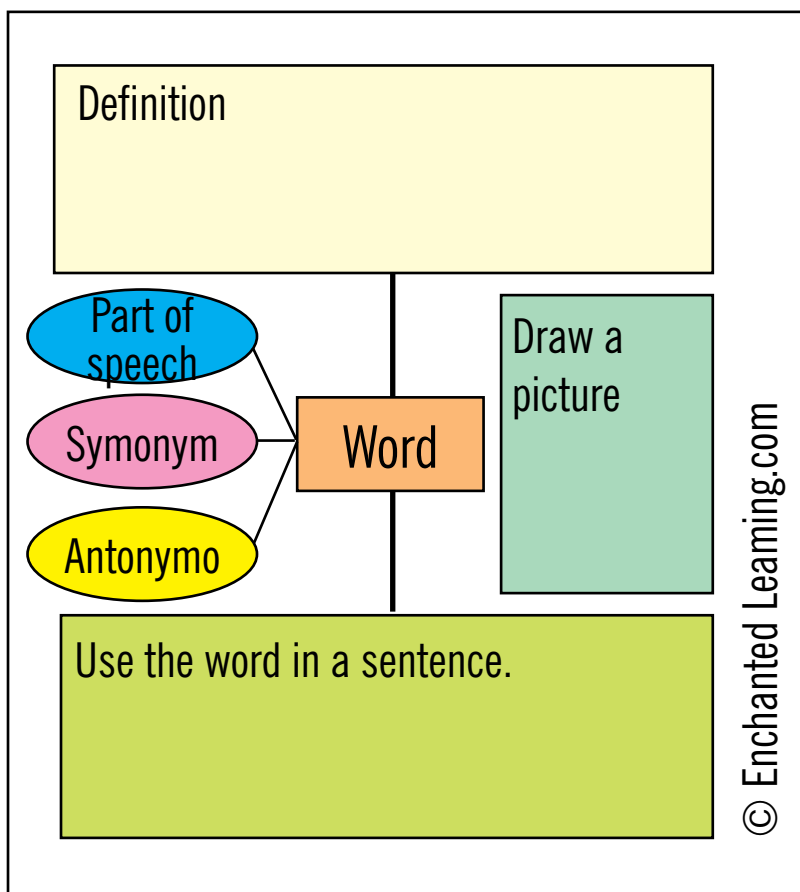


Fig.1: Modelo para organizar o léxico. <http://www.enchantedlearning.com/grammar/partsofspeech/>

¹ Association of Language Testers in Europe. <http://www.alte.org/>

de estudo na Escola, onde este inicia o nível intermediário, e no segundo e terceiro anos, onde são consolidadas as bases para que ele chegue ao quarto ano preparado para um nível avançado no idioma.

2. O VOCABULÁRIO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

O termo linguagem, no *Oxford Advanced Learner's Dictionary of English* (1987), é definido como “um método humano, não instintivo de comunicar ideias, sentimentos e desejos por meio de um sistema de sons e de símbolos que representam estes sons”. Estes sons, quando combinados de acordo com as regras de uma língua formam unidades de sentido.

Sabemos que as crianças, no processo de aquisição da língua materna, iniciam por imitarem os sons que os adultos produzem e, em estágio subsequente, adquirem a capacidade de produzir sequências de som com sentido. Quando isso ocorre, diz-se que o bebê balbuciu suas primeiras palavras. A partir daí, logo ele desenvolve a capacidade de juntar as palavras, como, por exemplo, em “mamãe, neném água”, o que é prontamente entendido pela mãe como significando que o bebê tem sede e quer água.

Apesar de este ser o processo de aquisição de linguagem esperado na língua materna, se uma frase similar é dita por um aluno em suas primeiras aulas de língua inglesa, como em “**teacher, I drink water?*”, o professor certamente irá corrigir o enunciado por ser agramatical. Este exemplo nos revela que muitos professores tendem a relevar o potencial das palavras para produzir sentido, dando primazia para a acuidade gramatical.

Essa tendência reflete a ênfase colocada na gramática ao longo da história do ensino de línguas e a consequente predisposição dos professores de verem o vocabulário como algo secundário. Sobre esta questão, Harmer (1991, p.154) afirma que

“por muitos anos o vocabulário foi visto como incidental aos propósitos principais do ensino de línguas – a saber a aquisição de conhecimento gramatical

sobre a linguagem (...). Contudo, agora está claro que a aquisição de vocabulário é tão importante quanto a aquisição de gramática”.

Richards (1985, p.21) partilha desta opinião ao dizer que alguns programas de ensino de línguas partiam da premissa de que o léxico seria coberto pelo programa de leitura ou que os alunos aprenderiam vocabulário incidentalmente através da prática de outras habilidades da língua, ou seja, de modo indireto, o que não é suficiente. Portanto, o reconhecimento da importância de um desenvolvimento lexical sistemático resultou no desenho de materiais didáticos, após a década de 80, que enfocassem a aquisição de léxico. Na década de 90, Michel Lewis (1993), ao propor que a língua é composta de léxico gramaticalizado e não de gramática

lexicalizada, ou seja, as palavras é que formam a base da língua e não uma estrutura gramatical enxertada por palavras, desenvolve a abordagem lexical para o ensino de idiomas. Esta é atualmente base de muitos materiais didáticos e programas de ensino de inglês como segunda língua/língua estrangeira no mundo.

Com relação à percepção que o aprendiz tem da importância da aquisição de vocabulário em língua estrangeira, nos estágios iniciais de aprendizagem, segundo Gairns e Redman

(1986, p. 54), a maior parte entende a necessidade de aprenderem a usar e reconhecer, de modo confiante, palavras centrais relativas ao uso cotidiano da língua-alvo. A partir do momento em que esse nível básico de sobrevivência na língua é alcançado, o interesse pela aprendizagem de novas palavras é propenso a conflitos que raramente ocorrem na gramática. Um destes, apontados por Elis e Sinclair (1989, p. 27), diz respeito às diferentes visões que o aluno tem sobre a necessidade de aquisição de vocabulário novo.

Segundo estes autores, é comum alguns alunos pensarem que não é necessário aprenderem muitas palavras novas, pois sempre conseguem encontrar uma forma de se expressar, mesmo que não saibam a palavra exata que gostariam de usar. Por outro lado, para Scrivener (1994, p. 73) o aluno, ao reconhecer o poder

“Alguns programas de ensino de línguas partiam da premissa de que o léxico seria coberto pelo programa de leitura ou que os alunos aprenderiam vocabulário incidentalmente através da prática de outras habilidades da língua, ou seja, de modo indireto, o que não é suficiente.”

Richards (1985, p.21)

das palavras, pode se sensibilizar e decidir por aprender, de forma mais consistente, um grande número de palavras, pois quanto mais palavras ele tiver, mais precisamente poderá se expressar.

No entanto, este autor também admite que a tarefa de nos apropriarmos de novas palavras, ou seja, de sermos capazes de utilizá-las no nosso discurso não é fácil, pois é sabido que para nos tornarmos usuários proficientes da língua devemos aprender a manipular o léxico não só no seu sentido básico e mais transparente, mas principalmente, em níveis metafóricos e idiomáticos.

Sobre este ponto Harmer (1991, p.23) diz que precisamos aprender o que as palavras significam e como elas são usadas. Por exemplo, devemos aprender que *table* e *chair* são substantivos que designam peças de mobília as quais chamamos, em português, de mesa e cadeira, respectivamente. Porém, como acontece na língua materna, na medida em que vamos nos tornando mais fluentes no uso do idioma, também devemos aprender que essas mesmas palavras podem adquirir diversos significados e mudarem de comportamento gramatical como nos exemplos “*to chair a meeting*” e “*to table a motion*”, onde *chair* e *table* desempenham a função de verbos.

Estes exemplos também nos fazem refletir sobre outros aspectos importantes no processo de aprendizagem do léxico.

Ao contrário do que muitos alunos podem imaginar, para expandir o vocabulário não é suficiente preparar e memorizar listas de palavras isoladas com suas respectivas traduções.

Um trabalho que tenha como objetivo a aquisição de léxico deve incluir informações sobre a morfologia e o significado das palavras e expressões que estão sendo estudadas, a compreensão das suas funções na oração (se estas indicam uma qualidade, uma ação, um objeto, etc.), o seu uso apropriado, levando em conta o contexto de produção (se este é mais formal ou menos formal, escrito ou falado), e principalmente, a relação entre as palavras que co-ocorrem em dado contexto. No caso de nosso exemplo, saber que *chair* significa basicamente *cadeira* e que *meeting* é reunião não garante que se entenda o significado da expressão, o qual equivale em português a *presidir uma reunião*.

Nesse aspecto, o conhecimento sobre a abordagem lexical é útil para o aluno, pois nesta contrasta-se a noção de vocabulário, um estoque de palavras individuais com significados fixos, e de léxico, o qual inclui não apenas palavras soltas mas, principalmente, as pa-

lavras em combinações que armazenamos na memória (Moudraia, 2001). Contudo, vale ressaltar que essas combinações não são universais, ou seja, cada idioma tem as suas. Este é um dos motivos que faz com que um aprendiz de uma língua estrangeira, apesar de gerar enunciados corretos ao nível gramatical e fonológico /grafológico, seja incompreendido pelo falante nativo, o qual faz uso de um sistema lexical que não é “determinado pela lógica ou pela frequência, mas arbitrário e decidido pelas convenções linguísticas” (Lewis, 1997, p.29).

Este aspecto fica claro quando o aluno busca pela tradução literal que, muitas vezes, é inviável ou enganadora, pois as associações mentais entre as ideias e os símbolos linguísticos usados em uma língua para expressá-las podem ser diferentes, como nestes exemplos. Em português, a cor que associamos à raiva é o vermelho. Portanto, ficamos “vermelhos de raiva” (*red of rage) enquanto que os ingleses ficam “roxos com raiva (purple with rage)”. Para nós, a idade está associada à posse, daí *Maria diz que tem 40 anos* enquanto “*Mary says she is 40 years old*”, pois se refere a seu estado.

Essa arbitrariedade causa certa dificuldade para o aprendiz da língua estrangeira, pois, às vezes, ele não consegue entender por que dizemos, por exemplo “to make a speech” (fazer um discurso) e não “to do/to talk a speech” (fazer/falar um discurso) ou *make a lecture (fazer uma palestra) ao invés de “to give a lecture”.

Esses são exemplos que ilustram um fenômeno linguístico chamado de *colocação*: um princípio importante para a organização do vocabulário em todas as línguas, onde certas palavras coocorrem em textos naturais com maior frequência do que a frequência aleatória (Lewis, 1997, p.8). Portanto, a abordagem lexical advoga que a linguagem consiste em blocos que, quando combinados, produzem discurso contínuo e coerente e que só a minoria dos enunciados é formada por criações totalmente inéditas.

2.1 COLOCAÇÃO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

As *colocações* são parte integrante da língua oral e escrita em contextos formais ou informais de comunicação. Elas podem formar expressões fixas (que não admitem transformações ou inserções, sem que o sentido mude ou seja nulo) e opacas (quando a análise de seus elementos não deixa o sentido claro) como em “to give someone the cold shoulder”, que significa *dar*

VERB		Direct Object	Indirect Object	Adverbial
SAY	1	something (sth)	to sb	
	2	that...		
SPEAK	3	a language		
	4		to sb	about sth/sb
TALK	5		to/with sb	about sth/sb
TELL	6	Somebody (sb)		(about) sth
	7	something	to sb	

Fig. 2 Sugestão para organizar o léxico de acordo com a sua estrutura sintática. Adaptado de <http://www.inglesonline.com.br/categoryo-ingles-como-ele-e/P25/>

um gelo em alguém. Seu sentido não é explícito pela tradução literal “dar a alguém um ombro gelado” e tampouco pode ter seus elementos reorganizados em “*to give the cold shoulder to someone*”, embora a sintaxe da frase esteja correta. Há, também, expressões mais flexíveis e menos opacas. Neste caso, temos as *colocações familiares*, combinações de palavras que geralmente aparecem juntas como, por exemplo, em *unrequited love, readily admit, amicable divorce*, as *colocações semi-restritas*, padrões lexicais nos quais um item pode ser substituído por outros como em *harbour doubt / grudges / uncertainty*, e as *colocações irrestritas*, aquelas em que dados itens lexicais estão abertos para parceria com um grande número de palavras (Siniscalchi, 1992, p.77). Como exemplo, podemos citar os verbos *have* ou *take*, que formam diversas expressões corriqueiras, tais como *have /take a shower, have/take a rest, have dinner, have a quarrel, take a walk, take time*, etc.

A *colocação* desempenha um papel importante na aquisição de linguagem porque a habilidade de processar blocos pré-fabricados é o que permite aos falantes nativos usarem a língua fluentemente. Esse conhecimento de que palavras se encaixam, ou combinam, umas com as outras, formando unidades maiores de sentido deixa o cérebro livre para processar as informações seguintes, reduzindo, deste modo, o trabalho de codificação do sentido em palavras.

De modo similar, os falantes nativos conseguem compreender de modo rápido textos escritos e falados porque estão constantemente reconhecendo blocos de linguagem ao invés de trabalharem na compreensão palavra por palavra (Hill, 1999, p.5). Por conseguinte, no que tange à memória, faz mais sentido aprender palavras a partir de combinações frequentes e típicas da língua em uso (Lewis, 1997, p. 32), já que o nosso cérebro acha mais fácil adicionar novas palavras à memória do que estabelecer uma conexão entre duas palavras anteriormente desconexas e que já se encontram na memória semântica (Dagenbach et alli, 1990).

Na prática, aprender a expressão “*accuse someone of doing something*” ao invés de aprender somente o item lexical “*accuse*” é mais eficaz, pois, no primeiro caso, o bloco já está pronto para uso, bastando só determinar quem é acusado (*someone*) e de que (*doing something*), enquanto no segundo o aprendiz terá que estabelecer uma conexão entre “*accuse*” e a preposição que acompanha este verbo. Além disso, o aluno também deve decidir sobre a regência, ou seja, se este é seguido de gerúndio ou infinitivo, operação que acarreta uma sobrecarga desnecessária para o processo mental, ainda podendo gerar um enunciado inadequado, caso sejam feitas escolhas incorretas.

Para facilitar a aprendizagem, os professores devem auxiliar os alunos a desenvolverem a percepção de que as palavras não existem no vácuo, provendo ativida-



Fig 3. Organizando as colocações com a palavra WAR. Basta acessar <http://www.bubbl.us/edit.php> para criar o seu mapa com as suas palavras. Neste exemplo foram digitadas as colocações para WAR encontradas em HILL, J.; LEWIS, M. LTP Dictionary of Selected Collocations. Hove: England, 1997.

des que tenham como finalidade apresentar e praticar *colocações* não só visando a identificação do sentido, mas, acima de tudo, possibilitando que estes se sintam seguros o suficiente para produzi-las naturalmente. Isso ocorre quando os alunos têm a oportunidade de usar as expressões em atividades envolventes e que façam sentido.

Vários tipos de exercícios encontrados nos livros adotados pela Escola Naval para o ensino da língua inglesa privilegiam a aquisição de vocabulário tais como aqueles que pedem ao aluno para fazer inferência de sentido baseando-se no texto que leram ou ouviram, unir expressões que foram separadas em duas partes, escolher o item que não pertence ao grupo, ou reordenar itens para compor expressões de alta frequência. Há também exercícios do tipo *complete as lacunas*, onde parte da expressão é omitida, ou aqueles onde há frases incompletas para o aluno dar uma resposta pessoal usando o léxico aprendido.

Para desenvolver o vocabulário fora da sala de aula e de modo autônomo, o aluno tem a sua disposição vários sites como o da BBC², que possui material variado e de ótima qualidade. Por exemplo, na seção “*The teacher*” um professor ensina por meio de vídeos expressões idiomáticas distribuídas por assuntos tais como cores, animais, partes do corpo, alimentos. Há também um arquivo de tópicos de vocabulário, com glossários e atividades sobre diversos assuntos como esportes, ciências e notícias.

O aluno pode também buscar na *Internet* textos (orais e escritos) onde ele procure, a partir da leitura / escuta, a) fazer comparações e traduções com o português do vocabulário que ele ache relevante para o seu progresso, não palavra por palavra, mas por blocos, registrando-as em um caderno de vocabulário, que pode ser organizado pelo campo semântico (por

² <http://www.bbc.co.uk/worldservice/learningenglish/language/>

assunto) ou por ordem alfabética, por exemplo, b) adivinhar o sentido de palavras novas pelo contexto e depois checar em um dicionário, c) fazer resumos orais ou escritos, de tempos em tempos, dos textos estudados para reciclar e rememorar o vocabulário aprendido, ou d) usar sites especializados. Algumas sugestões destes podem ser encontradas no blog de Nik Peachey³, tais como o *Wordsift*⁴ e o *VocabGrabber*⁵, que produzem dicionários visuais e listas de frequência, a partir de um texto que o usuário deseje estudar, o *Word Master*⁶, com jogos de vocabulário do tipo *forca* onde ele deve completar frases, ou o *Englishpage*⁷, com glossários e exercícios por tópicos. Outra possibilidade para o Aspirante é estudar consultando os materiais de referência que temos em nosso laboratório de língua inglesa (livros e Cds específicos para desenvolver vocabulário).

3. CONCLUSÕES

No presente artigo buscamos levantar questões que busquem conscientizar o Aspirante sobre a importância que a aprendizagem sistemática e organizada de léxico tem para o seu progresso na língua inglesa, visto que a aprendizagem da língua vai além do conhecimento das regras gramaticais e lexicais, pois, como diz McCarthy (1984, p.21), “nosso acesso fundamental ao sentido jaz na relação entre as palavras e o contexto”.

Esperamos, também, ter deixado clara a necessidade da aquisição de habilidades por parte do Aspirante, que vão além do saber traduzir uma palavra, pois é importante uma compreensão maior do real valor que o vocabulário tem para a comunicação para que o aluno transponha o platô intermediário e tenha um melhor entendimento do sistema lexical da língua-alvo.

³ <http://daily-english-activities.blogspot.com/search/label/vocabulary>

⁴ <http://www.wordsift.com/>

⁵ <http://www.visualthesaurus.com/vocabgrabber/>

⁶ <http://www.bbc.co.uk/worldservice/learningenglish/flash/word-master/>

⁷ <http://www.englishpage.com/vocabulary/vocabulary.html>

BIBLIOGRAFIA

DAGENBACH, D. HORST, S, CARR, T.H. *Adding new info to semantic memory: how much learning is enough to produce automatic priming?* *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 16 (4), p.581-591, 1990.

ELIS, G.; SINCLAIR, B. *Learning to learn English: A course in learner training*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

GAIRNS, R.; REDMAN, S. *Working with words: A guide to teaching and learning vocabulary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

HARMER, J. *The Practice of English Language Teaching*. 2nd edition. UK: Pearson Education, 1991.

HILL, J. *Collocational Competence*. *English Teaching Professional*, no 11, pp 5-7, April, 1999.

HORNBY, A S. *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

LEWIS, M. *The Lexical Approach*. Hove: Language Teaching Publications, 1993.

LEWIS, M. *Implementing the Lexical Approach*. Hove: Language Teaching Publications, 1997.

MCCARTHY, M. *A new look at vocabulary in EFL*. *Applied linguistics*, 5 (1), p. 12-22, 1984.

MOUDRAIA, O. *Lexical Approach to Second Language Teaching*. ERIC Digest, junho, 2001. Disponível em <http://www.cal.org/resources/digest/0102lexical.html>. Acesso em 14 de julho de 2009.

RICHARDS, J. *The context of language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SCRIVENER, J. *Learning Teaching*. Oxford: Heinemann, 1994.

SINISCALCHI, V.R. *Word relations - A study of vocabulary and language teaching*. Rio de Janeiro: UERJ, 1992.